

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPOS SENADOR HELVIDEO NUNES DE BARROS
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM LETRAS/PORTUGUÊS

DAIANE CORTEZ SOUSA

**A REPRESENTAÇÃO DA FIGURA FEMININA PRESENTE EM CHARGES QUE
ENVOLVEM A PRESIDENTE DILMA ROUSSEFF: UM ESTUDO ORIENTADO SOB
A PERSPECTIVA DA ANÁLISE DO DISCURSO**

PICOS

2014

DAIANE CORTEZ SOUSA

**A REPRESENTAÇÃO DA FIGURA FEMININA PRESENTE EM CHARGES QUE
ENVOLVEM A PRESIDENTE DILMA ROUSSEFF: UM ESTUDO ORIENTADO SOB
A PERSPECTIVA DA ANÁLISE DO DISCURSO**

Monografia apresentada ao Curso Licenciatura plena em Letras/Português da Universidade Federal do Piauí-UFPI, como requisito parcial para a obtenção do título de graduada em Letras.

Orientador(a): Prof.^a Esp. Margareth V. da Luz Carvalho

PICOS-PI

2014

FICHA CATALOGRÁFICA
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

S725r Sousa, Daiane Cortez.

A representação da figura feminina presente em charges que envolvem a Presidente Dilma Rousseff: um estudo orientado sob a perspectiva da análise do discurso / Daiane Cortez Sousa. – 2014.

CD-ROM : il; 4 ¼ pol. (42 p.)

Monografia(Licenciatura em Letras-Português) – Universidade Federal do Piauí. Picos-PI, 2014.

Orientador(A): Profa. Me. Margareth V. da Luz Carvalho

1. Discurso. 2. Mulher. 3. Ideologia. 4. Charge. I. Título.

CDD 070.49

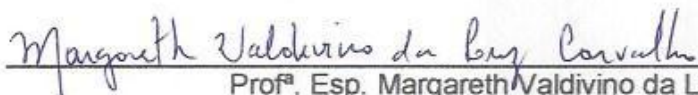
DAIANE CORTEZ SOUSA

A REPRESENTAÇÃO DA FIGURA FEMININA PRESENTE EM CHARGES QUE ENVOLVEM A PRESIDENTE DILMA ROUSSEFF: UM ESTUDO ORIENTADO SOB A PERSPECTIVA DA ANÁLISE DO DISCURSO

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Federal do Piauí como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciada em Letras Português.

DATA DA APROVAÇÃO: ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA



Prof^ª. Esp. Margareth Valdivino da Luz Carvalho
Orientador (a)



Prof^ª. Me. Leila Rachel Barbosa Alexandre
Avaliador (a) 1



Prof^ª. Esp. Jacqueline Marques Dantas Vanderley
Avaliador (a) 2

Dedico a Deus, meu refúgio e fortaleza, meu guarda fiel e minha companhia constante, por que sem que haja sua interseção nenhuma vitória acontece.

À minha família, meu porto seguro, fonte inesgotável de carinho e amor.

E a todos que de alguma forma contribuíram para que eu chegasse até aqui.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por ter me dado forças nos momentos difíceis e por me auxiliar a tomar a decisão correta quando pensei em desistir. Sem teu auxílio Senhor eu nada seria.

Aos meus pais, Carlos e Magda, por acreditarem em mim e por me apoiarem sempre que precisei, pelo carinho e educação que me ofereceram.

Aos meus avós, Francisco e Alice, Inácio e Anisia, pelas palavras de carinho e apoio que sempre me deram, além dos abraços apertados que sempre me enchiam de força e entusiasmo.

Aos meus irmãos, Lorena, Rondenes e Kaio pelo momentos de carinho e descontração que proporcionaram.

Aos meus tios e tias pelo carinho e apoio. Enfim, agradeço a toda minha família.

A minhas companheiras de quarto, Zilma, Lucênia, Marcela, Débora e Deyse, por suportarem bravamente meus estresses e minha chatice e por terem me proporcionado tantos momentos de alegria, além das longas noites de conversas e risadas.

Aos meus amigos de turma que além dos momentos de estudo proporcionaram bons momentos de agradável convivência.

Quero estender meus agradecimentos a todos meus professores que durante todo curso me auxiliaram de diversas formas e me contagiaram com todo o amor e entusiasmos que tem pelas letras, servindo de inspiração para que pudesse continuar.

Agradeço especialmente a minha orientadora Prof.^a Esp. Margareth V. da Luz Carvalho pela dedicação e paciência, apoio e contribuição para que este trabalho fosse concluído.

Por fim, agradeço a todos que contribuíram direta ou indiretamente para o termino deste trabalho.

Muito obrigada!

“... há quem leve a vida inteira a ler sem nunca ter conseguido ir mais além da leitura, ficam pegados à página, não percebem que as palavras são apenas pedras postas a atravessar a corrente de um rio, se estão ali é para que possamos chegar à outra margem, a outra margem é que importa.”

José Saramago, A Caverna.

RESUMO

A presente pesquisa propôs-se a analisar a linguagem enquanto discurso, tendo por finalidade compreender como se dá a representação da figura feminina a partir da imagem da presidente Dilma Vana Rousseff, figura que está em evidência atualmente, buscando observar os discursos (verbal e não verbal) presente nas charges que circulam na internet. Objetivamos desvendar construções preconceituosas presentes na linguagem chargística de modo a compreender como os “já-ditos” influenciam na imagem feminina atual, bem como identificar a função da ironia e do humor como estratégias de linguagem. A pesquisa é caráter qualitativo explicativo, sendo realizada a partir da análise de 10 charges publicadas em sites diversos, no período de início da campanha eleitoral da atual presidenta em 2010 até 2014 o último ano de mandato. No que tange o delineamento, optamos pela pesquisa bibliográfica, sendo que tivemos como norteadores de nossa pesquisa autores de grande importância como: Bakhtin (2003), Brait (2008), Brandão (2004), Bergson (2001), Guimarães(2012), Maingueneau (2006), Orlandi (2010) e Saffioti(1987), dentre outros. Com base nos estudos linguísticos discursivos concluímos que os discursos machistas ainda estão presentes no gênero charge e encontram-se muitas vezes mascarados pelo humor e ironia.

Palavras-chave: Discurso. Mulher. Ideologia. Charge. Dilma Rousseff.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Charge I	26
Figura 2: Charge II	27
Figura 3: Charge III	29
Figura 4: Charge IV	30
Figura 5: Charge V	31
Figura 6: Charge VI	32
Figura 7: Charge VII	33
Figura 8: Charge VIII	34
Figura 9: Charge IX	35
Figura 10: Charge X	36

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE ANÁLISE DO DISCURSO	13
3 CHARGE, UM GÊNERO, UMA FUNÇÃO SOCIAL	17
3.1 Charge: gênero do discurso	17
3.1.1 Humor e ironia presentes nas charges.....	98
4 O INTERDISCURSO E A REPRESENTAÇÃO DA IMAGEM FEMININA	22
5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	24
6 ANÁLISE DO CORPUS	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS.....	39

1 INTRODUÇÃO

Atualmente a mulher exerce papéis de suma importância na sociedade, ocupa cargos de prestígio social, chefia empresas, atua na política, entre outras atividades. Mas nem sempre foi assim. Para conquistar seu espaço a mulher precisou lutar por seus direitos, numa sociedade onde o poder e o controle de questões econômicas, políticas e morais prevaleciam unicamente nas mãos da figura masculina.

A organização social patriarcal criou durante muito tempo severas distinções entre os papéis masculinos e femininos criando para as mulheres um grau de inferioridade. Ao homem cabia o mundo dos negócios, a função de ditar regras sociais a serem seguidas, a de agir ativamente no meio social. Já à mulher cabia o dever de obedecer e de conservar a soberania e o espaço de comando do homem, sendo colocada como instrumento essencial de conservação dessa ideologia. De acordo com SAFFIOTI (1987) a sociedade delimita os campos em que pode operar a mulher, assim como escolhe os terrenos em que o homem pode atuar.

Diante do que foi dito, nota-se a importância de atentarmos a observar a trajetória histórica da mulher buscando compreender se os discursos enraizados desde outras épocas ainda circulam nos meios de comunicação atuais.

Levando em conta a mulher e sua história, buscamos refletir como a linguagem das charges está materializada na ideologia e como esta se manifesta. Para tanto, almejamos analisar a representação feminina no gênero charge, pois este é constituído de linguagens diversas que retratam a realidade social de uma época através do humor e da ironia. Além disso, o gênero em questão constitui-se de elementos linguísticos, históricos e ideológicos carregados de crenças e valores que remetem à construção da imagem feminina.

De acordo, com BRANDÃO (2004) a linguagem se constitui na interação entre os sujeitos ela não pode ser encarada como uma entidade abstrata, mas como o lugar em que a ideologia se manifesta concretamente, em que o ideológico, para se objetivar, precisa de uma materialidade.

Visto que a linguagem age como mediação entre o sujeito e sua realidade social, propusemos analisar a linguagem enquanto discurso. Como demonstra Brandão (2004, p. 11):

A linguagem enquanto discurso não constitui um universo de signos que serve apenas como instrumento de comunicação ou suporte de

pensamento; ela não é neutra, inocente, e nem natural, por isso o lugar privilegiado de manifestação de ideologia.

Neste sentido, a relevância desta pesquisa está em despertar os sujeitos enquanto leitores a entenderem o poder da linguagem e de como ela pode interferir nas relações sociais entre os sujeitos. Escolhemos o gênero charge, tendo em vista, a sua constituição ser bastante significativa no que se refere à construção de sentidos tanto por meio da linguagem verbal como pela linguagem não verbal. Temos como referência para as análises, a personagem Dilma Rousseff, nossa presidenta, por ser uma figura muito utilizada nas caracterizações das charges, pelo fato de ser mulher, e ocupar o cargo mais importante da nação.

Acredita-se que este estudo possibilitará futuras pesquisas nesse gênero, visto que este, sendo dotado de questões de cunho social, histórica e ideológico, pode contribuir para instigar nos alunos o senso crítico frente às diferentes manifestações da linguagem, desencadeando uma reflexão crítica acerca da interpretação de textos. É como afirma Orlandi ao dizer que:

Não temos como não interpretar. Isso, que é contribuição da análise do discurso, nos coloca em estado de reflexão e, sem cairmos na ilusão de sermos conscientes de tudo, permiti-nos ao menos sermos capazes de uma relação menos ingênua com a linguagem. (ORLANDI 2010, p. 9)

A partir de um levantamento de pesquisas relacionadas a análises discursivas em charges, pôde-se perceber a escassez de estudos que abordam o tema. Por tal motivo, pretende-se através da pesquisa instigar posteriores profissionais da educação e demais pesquisadores a elaborarem estudos sobre esta temática e, a partir daí despertar nos leitores um maior interesse por uma leitura menos ingênua e mais reflexiva, para que possam se posicionar de forma crítica em relação a esses tipos de textos, que muitas vezes por estarem entrelaçados de humor e ironia mascaram a realidade social.

Desse modo, a presente pesquisa objetiva desvendar construções preconceituosas presentes na linguagem chargística, de modo a compreender como os “já ditos” enraizados desde outras épocas influenciam na formação da imagem feminina atual, despertando nos leitores uma visão crítica sobre os gêneros humorísticos, bem como identificar a função da ironia e do humor como estratégias de linguagem.

Para tanto, optamos por focalizar uma figura polêmica, que vem sendo bastante discutida na mídia, nos últimos anos, inclusive pelos chargistas, atual presidente do Brasil, Dilma Vana Rousseff.

Por ter se destacado na política e por ter ocupando cargos antes destinados ao homem, a atual presidente do Brasil, será alvo da pesquisa em questão, pois, acredita-se que apesar dos avanços e das batalhas conquistadas pela mulher no decorrer do tempo, sua imagem ainda é construída sob um viés machista. Para tanto focalizaremos nas charges publicadas em 2010, no início da campanha eleitoral, até 2014 no final do seu mandato.

Devido às lutas enfrentadas pela mulher e a sua notável importância na sociedade atual, faz-se necessário indagar questões como: Que mecanismos discursivos presentes nas charges favorecem representações humorísticas que oprimem a mulher?

Para resolver tal questão, recorreremos a Teoria da Análise do Discurso de linha francesa, como para melhor compreender como se dá a construção da imagem da mulher e como a ideologia e os “já ditos” enraizados desde outras épocas influenciam na formação da imagem feminina presente nos discursos de charges divulgadas na internet.

Para tanto, utilizamos como fonte autores como, Orlandi, Maingueneau, Pêcheux, Guimarães e Brandão que nos forneceram suporte com relação à análise do discurso. Quanto à visão sobre a mulher na sociedade, consultamos a socióloga Saffioti, para melhor compreendermos os campos de atuação da mulher em relação ao homem no decorrer do tempo. Em relação à ironia e o humor para melhor entendê-los como estratégias de linguagem utilizamos a visão de Brait e Bergson respectivamente. Bahktin e Foucault nos ofereceram suporte com relação a definição de gênero discursivo e a noção de sujeito. Dentre outros autores que também serviram como norteadores para nossos estudos.

Diante desses questionamentos, pressupomos através dos estudos linguísticos discursivos concluir que os discursos machistas ainda estão presentes no gênero em questão e encontram-se muitas vezes mascarados pelo tom de humor que lhe é característico, sendo que tal conjectura pode ser confirmada ou refutada durante a pesquisa. Para tanto, iniciaremos discorrendo breves considerações

acerca da Teoria da Análise de Discurso, bem como uma pequena explanação em volta do gênero discursivo charge e do humor e ironia que lhe é característico. Em seguida discorreremos sobre o interdiscurso e a representação da imagem feminina e para finalizar será realizada análise do corpus.

2 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A ANÁLISE DO DISCURSO

Os estudos sobre a linguagem sempre estiveram presentes em nossa sociedade. No decorrer do tempo diferentes estudiosos buscaram variadas maneiras de se estudá-la.

Dentre esses estudiosos, Saussure, referência no campo linguístico, conseguiu revolucionar os estudos realizados até então, com a concepção dicotômica *langue* (língua) e *parole* (fala) seus estudos serviram de base fundamental para estudos linguísticos posteriores, embora, logo tenha se percebido as limitações dessa dicotomia, devido a sua preferência pela língua e seu pouco interesse pela fala.

Mais tarde, Bakhtin, como afirma Brandão (2004), antecipa com seus estudos as orientações da linguística moderna, afastando-se dos postulados de Saussure e dando ênfase à língua como algo concreto valorizando as manifestações individuais dos falantes, a fala.

Dessa forma, ele diverge dos seus antecessores (Saussure e a escola do subjetivismo individualista representado por Vossler e seus discípulos), para quem o enunciado era um ato individual e, portanto, uma noção não pertinente linguisticamente. Bakhtin, aliás, não só coloca o enunciado como objeto dos estudos da linguagem como dá a situação de enunciação o papel de componente necessário para a compreensão e explicação da estrutura semântica de qualquer ato de comunicação verbal. (BRANDÃO, 2004 p.8)

Nessa perspectiva, percebe-se que Bakhtin privilegia o enunciado como fenômeno social, onde as palavras significam. A linguagem passa a ser encarada como “lugar em que a ideologia se manifesta concretamente” (BRANDÃO, 2004 p. 9), esta começa a ser encarada como um fenômeno dinâmico.

A partir daí, alguns desses teóricos começaram a conceber a linguagem de maneira particular, com suas variadas significações e não como um sistema abstrato. Esse novo olhar sobre a linguagem originou a Teoria da Análise do

Discurso, que, diferente de outras teorias, buscava “compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história.” (ORLANDI, 2013 P.15). Nesse sentido, a língua passa a ser vista como, mediação entre o sujeito, a sociedade e a história.

A teoria da análise do discurso surgiu na década de 1960, através dos estudos do linguista, Jean Dubois e do filósofo Michel Pêcheux. Essa teoria de acordo com Orlandi (2013) têm como suporte três regiões de conhecimento, a linguística, por conceber a língua como seu objeto próprio de estudo, o marxismo pelo conceito de ideologia e a psicanálise pelo deslocamento da noção de indivíduo para a de sujeito.

Embora mantenha uma relação íntima com outras teorias a análise do discurso vai além de suas fronteiras, constituindo, como o próprio nome remete, um novo objeto de estudo: o discurso, definido por Orlandi como “o lugar em que se pode observar essa relação entre língua e a ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por/para os sujeitos.” (ORLANDI, 2013 p.17). Através do discurso a ideologia torna possível a relação entre sujeito e sentido, para que ambos possam significar.

É importante atentarmos a um dos aspectos importantes da análise do discurso, a noção de ideologia. Para Orlandi, a ideologia é vista:

[...] como mecanismo estruturante do processo de significação. [...] a ideologia se liga inextricavelmente à interpretação enquanto fato fundamental que atesta a relação da história com a língua, na medida em que esta significa. (ORLANDI 2013 p. 96)

A partir do posicionamento de Orlandi, podemos perceber que a ideologia é um processo de significação capaz de produzir evidências e constituir sentidos. Além de ser condição para constituição do sujeito, visto que “o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer” (ORLANDI 2013 p.46) inaugurando assim a discursividade. Nesse sentido, “pode-se então dizer que o termo “sujeito” serviria para designar o indivíduo preso a uma identidade que reconhece como sua, assim constituído a partir dos processos de subjetivação.” (FONSECA 2003 p.26), ou seja, é movido pela língua, pelo mundo e pelas vivências que reclamam sentido e é isso que o torna sujeito e o permite constituir sua subjetividade.

Como podemos observar, o discurso vai além da fala e das palavras, ele é um objeto “sócio-histórico”, emaranhado pela história e pelas ideologias de determinadas épocas em dadas sociedades. Neste sentido, podemos perceber que a AD

[...] não trabalha com a língua enquanto um sistema abstrato, mas como a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade. (ORLANDI, 2010 p. 15-16)

Assim, fica claro que a linguagem é concebida pela AD não como algo fechado de significado, mas a partir dos contextos sócio-históricos, considerando os sujeitos como membros de uma sociedade e produtores de sentidos. De acordo com Orlandi (2013, p.16) a AD leva em conta “o homem na sua história, considera os processos e as condições de produção da linguagem, pela análise de relação estabelecida pela língua com os sujeitos que a falam e as situações em se que produz o dizer”. O analista do discurso busca relacionar “a linguagem à sua exterioridade” estuda a língua tendo em vista o homem como ser social, produtor de sentidos.

Tendo o discurso como objeto de estudo, o analista busca compreender as intenções que impulsionaram o autor no momento da produção do enunciado, buscando analisar o que se encontra implícito no texto. De modo, que o discurso constitui-se de ideologia, ou seja, surge a partir das práticas sociais no momento de produção e pelas experiências vividas pelos sujeitos em um determinado período histórico.

Nessa perspectiva, “o discurso é a linguagem em ação, revelando a própria prática que interpela os indivíduos historicamente determinados.” (GUIMARÃES 2012 p.126-127), o discurso vai além dos aspectos estruturais da língua, como já foi dito, está emaranhado por questões históricas, sociais e ideológicas que determinam suas significações.

3 CHARGE, UM GÊNERO, UMA AÇÃO SOCIAL

O termo charge, nomenclatura originada do francês “charger” (carregar) (cf. Silva apud Luciano, 2012), caracteriza-se por ser um texto humorístico capaz de envolver no seu interior o estilo crítico e o cômico. Segundo Luciano (2012, p.4)

A charge surgiu formalmente na França, como uma forma de protesto a não liberdade de imprensa, sempre controlada rigorosamente pelo Estado, ou seja, desde a antigamente os sujeitos já se valiam das charges para criticar algo de errado que estava ocorrendo na sociedade, que nesse caso era a falta de liberdade de expressão. Por apresentar exatamente esse caráter combativo, a charge possui atualmente lugar de destaque em jornais, revistas e na Internet. Este tipo de texto apresenta um caráter temporal, tendo em vista que, trata de fatos do dia, ou seja, de acontecimentos que são notícia em um determinado momento da história.

As charges tem ganhado espaço nos meios de comunicação atuais, graças ao poder que detêm de criticar a realidade social de forma cômica, satírica e irônica. Estas, na maioria das vezes, são constituídas de linguagem verbal e não verbal, embora seja comum apresentarem apenas a linguagem não verbal. Mesmo que se apresente como um texto aparentemente desprezioso, a charge encontra-se carregada de ideologia, sendo capaz de reproduzir crenças e valores.

A produção da charge, geralmente, é feita a partir de algum acontecimento ou fato histórico, que é reconstruído pelo chargista de forma satírica. Como afirma, Luciano (2012, p.4) nas charges “têm-se acionadas a memória do sujeito e verifica-se a presença da história. Assim, infere-se que a charge é sempre e a todo momento construção de sentido”. Ao adentrar o texto chargístico, o analista do discurso busca compreender como o texto produz sentidos, refletindo sobre o sujeito e a história.

Após observarmos algumas definições e características das charges, nos deteremos em abordar suas características como gênero do discurso.

3.1 Charge: gênero do discurso

A diversidade de gêneros discursivos é muito grande. Segundo a definição de Maingueneau emprega-se “gênero discursivo para os dispositivos de comunicação sócio-historicamente definidos”. Como gênero discursivo, as charges não estão

imunes às influências sócio-históricas, estas carregam ideologias, assumem um papel social de construir e legitimar significados, uma vez que, carregam consigo visões de mundo que entrelaçadas a um humor aparentemente inofensivo, acabam por se tornarem um difusor de ideologias.

O estudo dos diversos gêneros discursivos é de enorme relevância para grande parte dos campos linguísticos, devido ao fato de estarem relacionados aos diferentes campos da atividade humana. De acordo com Filho (2011, p.17), há muito tempo se fala de Gêneros. Aristóteles, na Grécia Antiga, já falava sobre gêneros retóricos e estudava a noção de fusão entre a estrutura do texto e o conteúdo.

A enorme heterogeneidade dos gêneros do discurso se dá, conforme BAKHTIN (2003), devido às infinitas possibilidades da multiforme atividade humana. O número de gêneros cresce à medida que determinados campos de atividades se expandem, ou seja, a diversidade dos gêneros depende da necessidade de cada campo de atividade humana.

Quanto aos conceitos de gêneros discursivos pode-se perceber a diversidade existente e as várias formas como este é visto por diferentes autores como Bakhtin, Maingueneau, Marchurshi, entre outros. De acordo com Mari e Silveira:

Para Marchushi, prevalecem propriedades funcionais, estilo, e composição característica; para Bakhtin, o gênero se constrói, através de tipos relativamente estáveis; por sua vez, Maingueneau compreende que gêneros do discurso não podem ser considerados como formas que se encontram à disposição do locutor [...]. Trata-se, na realidade, de atividades sociais que, por isso mesmo, são submetidas a um critério de êxito. (MARI, SILVEIRA 2012, p.)

Os gêneros do discurso encontram-se intimamente relacionados com o social, sendo que exercem funções necessárias à organização da sociedade. “Poderíamos, assim, caracterizar uma sociedade pelos gêneros de discurso que ela torna possível e que a tornam possível” (MAINGUENEAU, 2002, p.61), pois estes existem devido seu caráter “historicamente variável” e conforme a necessidade da sociedade.

É relevante fazermos alusão a um dos importantes aspectos discutidos por Bakhtin, a individualidade da linguagem, pois segundo ele

Todo enunciado – oral e escrito, primário ou secundário e também em qualquer campo da comunicação discursiva (rietchevóie obschênie)*- é individual e por isso pode refletir a individualidade do falante (ou de quem escreve), isto é, pode ter estilo individual.(BAKHTIN 2003 p. 265)

O estilo individual está presente na maioria dos gêneros discursivos, os aspectos individuais da personalidade do produtor que se encontram ligados ao

gênero. Os aspectos de uma personalidade individual podem revelar-se de formas diversas em diferentes gêneros.

As charges fazem parte das atividades sociais, sendo responsáveis por registrar os acontecimentos históricos. Dessa forma, para que haja compreensão do gênero é necessário atentarmos ao momento e ao meio histórico-cultural, pois além de ser produzida neste meio, a charge ainda é produto deste. Os gêneros discursivos estão intimamente ligados às mudanças históricas, uma vez que estes tem poder de transmitir ideologias de determinadas épocas.

Optamos pelo discurso chargístico, pois este traz em sua constituição aspectos linguísticos e imagéticos que possibilitam conexões com a história e a ideologia, estabelecendo diferentes perspectivas de mundo que, emaranhadas à linguagem, possibilitam ao leitor buscar novos significados, que vão além do próprio texto.

3.1.1 Humor e ironia presente nas charges

Aspectos marcantes do gênero charge, a ironia e o humor, podem ser considerados como processos discursivos, estratégias de linguagem próprias desse gênero. No que tange à ironia Brait (2008, p.126) afirma, “[...] que é produzida, como estratégia significativa, no nível do discurso [...]”, pois possibilita variadas interpretações sob um determinado texto.

Isso significa que o discurso irônico joga essencialmente com a ambiguidade, convidando o receptor a, no mínimo, uma dupla leitura, isto é, linguística e discursiva. Esse convite à participação ativa coloca o receptor na condição de co-produtor da significação, o que implica necessariamente sua instauração como interlocutor. (BRAIT 2008, P.126)

A ironia pode ser pensada como instrumento discursivo ao ponto que coloca o leitor frente à ambiguidade textual, levando-o a procurar nas entrelinhas novas significações e, assim agir ativamente como “co-produtor” da significação.

Desse modo, não podemos nos voltar para o discurso irônico com uma visão ingênua sobre os enunciados, aliás, não devemos ser ingênuos quando se trata de manifestações da linguagem, pois, além de sua natureza ambígua “a ironia subverte o que é assumido e o que não o é pelo locutor” (MAINGUENEAU 1997, p.98), ou

seja, no discurso irônico o locutor pode apresentar seu ponto de vista de forma direta ou usar do que Maingueneau chama de “enunciador”:

O enunciador representa, de certa forma, frente ao “locutor” o que o personagem representa para o autor em uma ficção. Os “enunciadores” são seres cujas vozes estão presentes na enunciação sem que se lhes possa, entretanto, atribuir palavras precisas; efetivamente, eles não falam, mas a enunciação permite expressar seu ponto de vista. Ou seja, o “locutor” pode pôr em cena, em seu próprio enunciado, posições diversas da sua. (MAINGUENEAU 1997, p.77)

O poder que detém o autor de uma enunciação irônica é muito grande. Este, através do enunciador, pode assumir variadas posições em um mesmo enunciado. É importante ressaltar, que de acordo com MAINGUENEAU (1997) a ironia não é um fenômeno lúdico e desinteressado, pelo contrário, este é dirigido a um destinatário específico, aspecto que torna possível a ocorrência de divergências nas análises.

O humor é construído nas charges como uma sátira de fatos cotidianos, que para ser compreendida e gerar riso é necessário o mínimo de conhecimentos prévios sobre os assuntos retratados, estes conhecimentos são chamados de memória. Cabe observar que essa memória representa o discurso de um determinado grupo social, que tem sua história e suas ideologias. Como afirma Bergson (2001, p.5) “nosso riso é sempre riso de um grupo”, pois, para que haja humor é preciso que haja “significação social”.

O discurso chargístico possibilita múltiplas leituras e significações, auxiliando o leitor na busca de novos sentidos no texto. O elemento humor, característico desse gênero, mascara através do riso, as intenções ideológicas que são construídas a partir dos já-ditos que estão conservados desde outras épocas na memória discursiva (interdiscursos). De acordo com Orlandi,

A memória, por sua vez, tem suas características, quando pensada em relação ao discurso. E, nessa, perspectiva, ela é tratada como interdiscurso. Este é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente [...]. O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada.

Assim, é pertinente observar o jogo de sentidos no interior das charges, procurando encontrar os significados nela escondidos e disfarçados pelo tom de ironia e humor, que por vezes podem disfarçadamente reproduzir discursos preconceituosos que estão internalizados na memória dos sujeitos e que ao serem divulgados oprimem a mulher, além de denegrir sua imagem.

4 O INTERDISCURSO E A REPRESENTAÇÃO DA IMAGEM FEMININA

Assim como em outros países, o Brasil tinha como base social o patriarcalismo. O homem, como já foi dito, era detentor de todo poder social. Mas com o passar do tempo à medida que as transformações sociais foram ocorrendo, a mulher foi conseguindo seu espaço na sociedade. Apesar das mudanças ocorridas durante a história, os discursos depreciativos em relação à mulher, ainda são encontrados em alguns domínios comunicativos.

São os contextos sócio-históricos que constroem o efeito de sentido dos discursos relacionados à mulher a partir de dizeres que foram produzidos ao longo do tempo, e permanecem guardados numa espécie de memória discursiva (interdiscursos), o que, segundo Orlandi (2013, p.31), se constitui em um “[...] saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra.”

Dessa forma, tudo que já foi dito em relação à mulher, por alguém ou em algum lugar, mesmo que em épocas distantes, têm efeito significativo sobre os discursos hoje reproduzidos. De acordo com Orlandi,

[...] Todos os discursos nascem de outro discurso e reenvia a outro, por isso não se pode falar em discurso mas em um estado de um processo discursivo, e esse estado deve ser compreendido como resultado de processos discursivos sedimentados, institucionalizados.

Fica claro que todos os discursos surgem a partir de outros discursos. Estes são interpelados pela história e ligados às ideologias dominantes de uma sociedade. Segundo Orlandi (1987, p. 26) “O sujeito que produz linguagem está reproduzido nela, acreditando ser a fonte exclusiva de seu discurso, quando, na realidade, retorna um sentido preexistente.”. O sujeito de forma inconsciente está reproduzindo dizeres históricos e posicionamentos ideológicos que foram construídos com o tempo.

Para uma melhor compreensão acerca do interdiscurso nas charges é necessário nos determos a uma breve discursão sobre algumas definições como a de formação discursiva e a distinção entre intertextualidade e interdiscurso. Quanto à formação discursiva, Brandão conceitua como

Conjunto de enunciados marcados pelas mesmas regularidades, pelas mesmas “regras de formação” [...]. A formação discursiva determina “o que pode e deve ser dito” a partir de um lugar social historicamente determinado. Um mesmo texto pode aparecer em formações discursivas diferentes, acarretando, com isso, variações de sentido. (BRANDÃO 2004, p. 106-107)

É justamente por isso que este conceito é de grande importância quando se trata de análise do discurso, uma vez que está diretamente relacionado com os efeitos de sentido, a formação discursiva, define o que deve ou não ser enunciado dependendo do contexto sócio histórico em que foi produzido. De acordo com Brandão (2004, p.95) toda formação discursiva está associada a uma memória discursiva, de modo que “é a memória discursiva que torna possível a toda formação discursiva fazer circular formulações anteriores, já enunciadas”, ou seja, todo enunciado se origina de outro que fora antes proferido por alguém, em algum lugar.

No que tange a distinção entre intertexto e interdiscurso Guimarães (2012) afirma que “tanto um fenômeno quanto o outro dizem respeito à presença de duas vozes num mesmo segmento textual ou discursivo”, no entanto, apresentam algumas diferenças, pois, enquanto “define-se intertextualidade como um processo de incorporação de um texto em outro” a interdiscursividade “identifica-se como uma interação com um dado discurso, uma memória discursiva, que constitui um contexto global que envolve e condiciona a atividade linguística”. Os discursos significam a partir da interdiscursividade, não há como compreender um discurso sem levar em consideração a história, os campos discursivos numa determina da época, considerando os variados contextos culturais.

A representação da mulher é feita a partir de interdiscursos advindos de um passado patriarcal que são reproduzidos até hoje, principalmente no domínio humorístico, devido, como já foi mencionada, a capacidade que o humor tem de mascarar o caráter preconceituoso desse discurso.

Com base nas noções apresentadas fica claro que esses discursos foram sendo produzidos como uma verdade irrefutável durante muito tempo. O discurso chargístico é constitutivo de efeitos e sentidos que ligados ao interdiscurso podem ajudar na permanência de uma memória carregada de machismo.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa é de caráter qualitativo explicativo, pois consiste em “identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos” (GIL 2006, p.42). Este tipo de pesquisa nos permitirá analisar os dados indutivamente, esclarecendo quais fatores contribuem para que os mecanismos discursivos presentes nas charges favoreçam representações humorísticas que podem oprimir a mulher.

Em relação ao delineamento da pesquisa, iniciamos pela bibliográfica e análise do corpus, com o intuito de responder a abordagem expressa na problemática, a partir de acervos de documentos e livros, entre outros, sendo que utilizamos como fonte autores como, Orlandi, Maingueneau, Pêcheux, Guimarães e Brandão que nos forneceram suporte com relação à análise do discurso. Quanto à visão sobre a mulher na sociedade, consultamos a socióloga Saffioti, para melhor compreendermos os campos de atuação da mulher em relação ao homem no decorrer do tempo. Em relação à ironia e o humor para melhor entendê-los como estratégias de linguagem utilizamos a visão de Brait e Bergson respectivamente. Bahktin nos ofereceu suporte com relação a definição de gênero discursivo e a noção de sujeito. Dentre outros autores que também serviram como norteadores para nossos estudos.

Através da análise do discurso de linha francesa, pôde-se examinar o que há por trás dos discursos humorísticos presentes nas charges, além de demonstrar a importância de atentarmos ao fato de que a linguagem não é neutra e, portanto, não podemos nos permitir ficar sujeitos a ela, limitados apenas ao aparente. Para tanto, serão analisadas na pesquisa 10 charges publicadas em sites diversos na internet, no período de início da campanha eleitoral da presidente Dilma Rousseff em 2010, até 2014, último ano de seu mandato, sendo que a maioria dos textos que compõem o corpus escolhido foram publicados no início de seu mandato.

Para obtenção do corpus para análise foi realizada uma pesquisa em sites diversos, o que nos possibilitou notar como é frequente a produção de discursos e como estes circulam livremente. Encontramos um grande número de charges que tinham mecanismos que favorecem representações humorísticas que oprimem a

mulher, mas achamos conveniente analisar somente 10 charges, pois estas foram suficientes para o andamento da pesquisa.

A pesquisa tem como propósito fazer uma análise acerca das construções preconceituosas presente na linguagem chargística e analisar como se dá a representação da figura feminina a partir da imagem da presidente Dilma Rousseff, buscando observar os discursos (verbal e não verbal) presentes nas charges que circulam na internet, para assim, compreender como os “já-ditos” enraizados desde outras épocas influenciam na formação da imagem feminina atual.

6 ANÁLISE DO CORPUS

A seguir, vejamos algumas análises de charges que têm como personagem principal a figura da presidente Dilma Rousseff, a fim de confirmarmos ou refutarmos a hipótese de que os discursos machistas ainda estão presentes em alguns gêneros, que circulam livremente nos meios de comunicação atuais.

Logo que, Dilma Vana Rousseff venceu as eleições para Presidente do Brasil em 2010 tornando-se a primeira mulher deste país a ocupar esse cargo, muitos discursos começaram a ser reproduzidos nos meios de comunicação, inclusive interdiscursos “o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra” (ORLANDI 2013, p. 31), que pareciam estar esquecidos. Desde então, os chargistas usam e abusam de sua criatividade e de seu poder de satirizar situações, criando inúmeras representações acerca da figura da atual presidenta.

Na primeira charge, temos:

Figura 1: Charge I



Fonte: <http://www.materiaincognita.com.br/>

A charge acima foi publicada no dia 01 de novembro de 2010 no Diário ABC, logo que Dilma Rousseff foi eleita presidenta do Brasil. Nota-se que o chargista ironiza dando um novo aspecto ao Palácio do Planalto, local onde está localizado o

Gabinete Presidencial do País, pintando-o de cor-de-rosa para receber a nova residente.

Sabe-se que cor rosa está culturalmente associada ao universo feminino, é usada desde muito tempo nos enxovais e na decoração dos quartos de meninas, além, de ser a cor de roupa dita como preferida para a maioria delas. Além disso, a cor rosa denota ingenuidade, delicadeza e fragilidade características, que também são ideologicamente atribuídas às mulheres. Portanto, podemos observar que nesta charge está reproduzido o discurso que permeou por muito tempo na sociedade brasileira, que é ligado à ideologia de que a mulher seria o sexo frágil, ingênuo e delicado, assim como a cor rosa.

Desse modo, ao ser caracterizada desta forma, a mulher é colocada como inferior ao homem, ao qual são atribuídas características fortes, como menciona Saffioti (1987, p.29) quando trata do processo de construção social de inferioridade: a “Mulher dócil é contrapartida de homem macho. Mulher frágil é a contrapartida de homem forte. Mulher emotiva é a outra metade de homem racional. Mulher inferior é a outra face de homem superior.” Ou seja, a figura do homem é construída como sendo “sexo superior”, ao qual caberia o cargo de presidente do Brasil, já a imagem da mulher como sendo ingênua e frágil, portanto incapaz.

Na terceira charge, temos:

Figura 2: Charge II



Fonte: <http://www.materiaincognita.com.br/>

Nesta charge, observa-se o discurso machista bem explícito. Através da representação do quadro evolutivo da espécie, podemos perceber que houve a distinção entre a evolução do homem e da mulher. No quadro evolutivo do homem este evoluiu partindo do seu estado primitivo para o estado de ser humano racional, já a mulher é construída como ser que não evoluiu, continua submissa.

Traços desta construção podem ser observados no contraste entre as cores que destacam os termos “Evolution of man” que está colorido de verde cor que culturalmente é atribuída ao homem e no termo “and woman”, colorido de rosa que, como já foi discutido, é tida culturalmente como uma cor feminina que denota fragilidade, fraqueza. Outro aspecto importante é o tom de deboche que podemos perceber através do uso do símbolo de risos “rsrsrs”, logo abaixo da palavra machismo.

Observa-se, ainda, que a figura feminina é representada limpando o chão, reproduzindo um discurso filiado a ideologia de que a mulher é única e exclusivamente responsável pelos afazeres domésticos e a figura masculina cabe o ambiente exterior e político, enquanto a mulher se prende a intimidade e ao ambiente doméstico. Essa formação discursiva sobre a mulher se cravou de tal forma na memória dos brasileiros que até hoje esses “já-ditos” são reproduzidos e acabam sendo revelados quando os sujeitos se deparam com uma situação nova como, por exemplo, uma mulher governando um país.

A partir do discurso “Lugar de mulher não é na presidência!”, logo nos questionamos, onde seria o lugar da mulher e como, em pleno século XXI discursos como esses podem ser reproduzidos de forma natural. Este discurso totalmente patriarcal classifica a mulher como sendo incapaz de ocupar um cargo tão importante.

Assim, notamos claramente que a charge constrói a identidade feminina como sendo incapaz de ocupar determinadas profissões. Percebe-se que ainda há a presença de uma ideologia que insiste em ditar quais funções podem ser ocupadas pela mulher na sociedade. As pessoas que compartilham desse discurso ainda acreditam que nem todos os cargos podem ser ocupados por mulheres.

Na quarta charge, temos:

Figura 3: Charge III



Fonte: <http://saraiva13.blogspot.com.br/>

Nesta charge, encontramos um trecho da fala da presidenta, onde esta mostra-se orgulhosa por ser mulher: “Não esqueçam jamais que a maior autoridade deste país é uma mulher, uma mulher que não tem medo de enfrentar os injustos nem a injustiça, estejam onde estiverem”. Deixando bem claro o poder que detém por ser presidente do Brasil, Dilma se coloca como uma mulher capaz de enfrentar com coragem os problemas e as injustiças sociais.

No entanto, o que gera o humor na charge é fala do segundo personagem, que representa o opositor de partido político, que reproduz um discurso que esteve ou está presente em nossa sociedade desde muito tempo: “Cada dia mais atrevida!!! Se fosse muié minha, pra começá era um ano sem botá o pé na rua!!!”. Sabe-se que durante muito tempo a mulher foi controlada pelo homem e até hoje muitas mulheres ainda sofrem com a supremacia masculina. Todos os seus atos eram controlados como se não fossem capazes de tomar suas próprias decisões, o homem era visto como autoridade e a mulher como uma subordinada que apenas obedecia o que lhe era imposto.

Na charge, parece clara a indignação da personagem masculina, frente a um posicionamento forte e destemido de uma mulher, percebe-se que a autonomia desta lhe causa estranhamento, pois, para ele lugar de mulher é dentro de casa o

que demonstra claramente a imposição de uma ideologia machista. Como ressalta Saffioti (1987, p.14), “o dito popular lugar de mulher é em casa é eloquente em termos de imposição de ideologia dominante. Em ficando em casa todo ou quase todo o tempo, a mulher tem menor número de possibilidades de ser estimulada a desenvolver suas potencialidades.” Assim a figura masculina poderia assegurar sua soberania sobre a mulher.

Nesta charge, podemos perceber que o discurso está ligado a uma ideologia que definia o comportamento da mulher em determinada época onde se construía a ideia de que a mulher deveria ser submissa ao homem. Este interdiscurso ainda encontra-se presente na memória dos sujeitos, que acabam por meio de sua memória discursiva, sendo reproduzindo através das mais diversas formas inclusive através do humor aparentemente inofensivo das charges.

Na quinta charge, temos:

Figura 4: Charge IV



Fonte: http://www.irbianchi.com/2014_04_01_archive.html

A charge acima, apresenta dois personagens, um deles é o ex-presidente Lula que está sentado em frente à TV com uma corda amarrada a cadeira, a outra personagem é a atual presidente Dilma Rousseff que encontra-se com o pé amarrado a outra ponta da corda. Nota-se a partir desta charge, a representação de uma mulher totalmente dependente do homem para tomar suas decisões. Este

demonstra sua soberania frente à mulher, quando descansa assistindo televisão, enquanto esta trabalha. Através das imagens (linguagem não-verbal), nota-se que a personagem feminina está literalmente presa à personagem masculina.

Levando em conta, que a personagem representa a presidenta do Brasil, nota-se presente nas imagens a ironia, principalmente no fato de ambas as personagens usarem a faixa de presidente, sendo que, somente personagem Dilma ocupa o cargo de presidente do Brasil atualmente. Quando a personagem pede que lhe dê um pouco mais de “corda”, na verdade ela pede um pouco de espaço para atuar nas atividades que condizem com seu cargo. Percebe-se que permanece vivo o discurso de que ao homem cabe os cargos mais importantes e a mulher cabe o dever de obedecer e de conservar a soberania e o espaço de comando masculino.

Portanto, podemos perceber que há ironia no texto, fazendo-nos inferir que a mulher não é capaz de ocupar um cargo tão importante sem a “ajuda” de um homem, e que este sim, é que capaz de ficar no comando, neste caso, não só da mulher, mas do país e à mulher por sua vez resta obedecer e implorar por um pouquinho mais de “corda”.

Esse discurso, também pode ser notado na seguinte charge:

Figura 5: Charge V



Fonte: <http://barrocas-bahia.blogspot.com.br/>

A charge acima, refere-se à questão do programa do governo da presidenta Dilma, o PAC (Programa de Aceleração do crescimento) e seu não funcionamento adequado. Infere-se, a partir das imagens, que o carro representaria o programa que, embora aparentemente seja guiado pela presidenta, quem realmente guia-o é a figura do ex-presidente Lula.

O humor mais uma vez é gerado a partir da ideologia que dita controle do homem sobre a mulher. É perceptível observar, que apesar dos avanços alcançados, a construção da figura feminina ainda é representada como alguém que precisa ser empurrada, guiada por um homem.

Na sétima, temos:

Figura 6: Charge VI



Fonte: <http://humordainternet.blogspot.com.br/>

Nesta charge, o discurso é construído a partir do anúncio do filme “Se eu fosse você”, considerado por muitos um filme extremamente machista. Seu enredo conta a história de um casal, interpretado por Glória Pires e Tony Ramos, onde, de forma inusitada, acabam trocando de corpos assumindo, assim, um a vida do outro.

A partir do modo como os enunciados são colocados, conclui-se que Dilma e Lula são os novos protagonistas do filme “Se eu fosse você 3”, que iniciaria em 2010, ano em que se inicia o mandato da presidenta. Através da comparação feita

entre Dilma e Lula e os protagonistas do filme, percebe-se a insinuação de que Dilma, assim como as personagens do filme procura agir como Lula. O discurso aqui reproduzido coloca a mulher mais uma vez como incapaz, tendo, pois, que tomar para si características masculinas para alcançar prestígio social.

Mais uma vez, o estereótipo de que o rosa é uma cor feminina é exposto. Nesse caso, a cor aparece de forma contrária ao que é geralmente cultuado, o rosa aparece colorindo o nome da figura masculina em questão e o azul colorindo o nome Dilma, o que não é colocado por acaso, pois, além de fortalecer a troca de papéis, as cores demonstram ainda que o EU, sujeito do enunciado “Se eu fosse você” se refere à presidenta, pois este apresenta a mesma cor que remete a seu nome e, portanto, o VOCÊ refere-se a Lula.

Desse modo, fica claro que a representação da mulher é construída como se esta precisasse adquirir características masculinas para que pudesse ocupar um cargo que antes numa tinha sido ocupado por uma mulher, inferindo-se que para fazer o papel de presidenta esta teria que ser mais “homem”.

Também podemos perceber isso na charge seguinte:

Figura 7: Charge VII



Fonte: <http://amarildocharge.wordpress.com/>

Nesta charge, percebe-se que a aparência da presidenta é colocada em evidência, esta está em frente ao espelho e parece insatisfeita com o que vê, dá ares de que falta algo para que sua aparência esteja adequada ao lugar que ela ocupa na sociedade. O enunciado “O cabelo já tá legal! Agora só falta...”, ocorre pelo fato de a presidenta ter cabelo curto, o que é mais comum e culturalmente atribuído como características masculinas, embora saibamos que não é bem assim, inclusive é o modo como Lula usa o cabelo e é a ele que a presidenta é mais uma vez comparada. O aspecto que ela argumenta faltar é a barba, aspecto comum aos homens que ideologicamente denota poder e masculinidade.

Na sexta charge, temos:

Figura 8: Charge VIII



Fonte: <http://brasilmostratuacara.blogspot.com.br/>

Na charge acima, é possível perceber que o chargista inibe-se de qualquer culpa atribuindo o ato de machismo ao que chama de “Porco Chauvinista”, termo utilizado para designar homens grosseiros, descontrolados, que pregavam a “inferioridade” da mulher e que a caracterizava como submissa e secundária, além de negar seus direitos. Percebe-se que o chargista usa do que Maingueneau chama de enunciador para se isentar do discurso machista e assumir variadas posições em um mesmo enunciado.

Através da expressão machista já existente: “Atrás de um grande homem há sempre uma grande mulher”, o chargista inova aumentando ainda mais o tom de

machismo e cria “Atrás de uma grande vassoura existe sempre uma grande mulher”. A Vassoura é colocada como a instrumento usado para demonstrar que a presidenta fez uma faxina no Ministério dos transportes demitindo alguns meliantes que o ocupavam a um bom tempo. Mais uma vez, atribui-se à mulher os afazeres domésticos, como se fizesse parte da sua identidade. A imagem da vassoura é usada para exprimir um discurso muito utilizado pelos machistas em geral, discurso este pregado por muito tempo pela ideologia dominante que atribuía-lhe exclusivamente o papel de dona de casa, mãe e esposa, o que pode ser notado nesta charge, onde a presidenta é representada como faxineira:

Figura 9: Charge IX



Fonte: <<http://alagoinhas-bahia-acaminhada.blogspot.com.br/>>.

Mais uma vez a mulher é construída a partir da ideologia que ditava quais os campos onde ela poderia atuar, nesse caso ela aparece como faxineira, pelo fato da possível “limpeza” feita por ela nos ministérios. Nota-se que apesar da mulher ter conseguido ocupar papéis cada vez mais importantes na sociedade, este discurso continua vivo na memória dos sujeitos, sendo reproduzidos livremente.

Na última charge, temos:

Figura 10: Charge X



Fonte: <http://altamiroborges.blogspot.com.br/>

Muito comentada nos meios de comunicação, essa charge, revoltou o público feminino, devido a comparação feita entre a presidente e uma garota de programa. A mulher mais importante do país atualmente aparece desenhada junto a uma parede de esquina, rodando a bolsinha e dizendo “Os programas quem faz são os fregueses: PMDB: barba, cabelo e bigode, PDT: papai e mamãe e vai por aí...”, seus possíveis clientes são os partidos aliados ao seu, o PT, a analogia se dá devido a suposta negligência de algumas de suas propostas de governo, o que não justifica a comparação de mal gosto.

A partir da palavra “programa” percebe-se o discurso irônico que, como afirma Brait, leva-nos frente à ambiguidade textual, convidando-nos a no mínimo uma dupla leitura que leva em com os aspectos linguísticos e discursivos à procura de outras significações não aparentes, agindo ativamente como “co-produtor” do texto.

É possível que, o discurso presente nesta charge insinue que as mulheres conseguem determinadas conquistas através do uso do seu corpo, o que é inferido a partir das roupas, do local e do modo como presidenta é representada nesta

imagem, a partir da ideologia muito presente em nossa sociedade de que somente garotas de programa usam roupas mais sensuais, enquanto, as mulheres ditas “direitas”, mesmo que não estejam confortáveis precisam manter o padrão de mulher decente imposto pela sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das análises realizadas, nota-se através do contexto imediato e do interdiscurso que tudo que já foi dito em relação à mulher, sua “inferioridade” diante do homem, a atribuição de características como: frágil, dependente, submissa, dentre outros. Todos esses sentidos já foram ditos por alguém, algum dia e em algum lugar, mesmo que em momentos distantes, há, pois, de acordo com Orlandi (2013) uma relação entre o que já foi dito e o que está sendo dito, de modo que nenhum discurso produzido hoje ou em outro século foi produzido por acaso, pois não há discurso neutro, mesmo nos usos mais cotidianos o discurso tem sempre sua razão de ser.

O que se pretendeu através desta pesquisa foi mostrar que certos discursos depreciativos sobre a mulher ainda circulam livremente nos meios de comunicação, embora já não desfrute de plena aceitação social. Assim, com base nos estudos linguísticos discursivos, concluímos que os discursos machistas ainda estão presentes no gênero charge e encontram-se muitas vezes mascarados pelo humor e ironia.

O desenvolvimento da pesquisa permitiu-nos refletir sobre os discursos que são reproduzidos através das charges, buscando analisar a representação do feminino através da figura da presidenta Dilma Rousseff e compreender como os aspectos, ironia e humor, que lhes são característicos, agem como estratégias de linguagem na construção (verbal e não verbal) de discursos preconceituosos.

Percebe-se que apesar dos avanços alcançados pela mulher e de sua importância na sociedade atual, sua imagem ainda é representada por um discurso dotado de ideologia machista. A partir do momento em que esta ocupar um cargo de destaque, discursos que pertencem a uma memória antiga voltam a ser reproduzidos. O humor causado por ele é a prova de que esse discurso permanece vivo na memória dos sujeitos, pois, como afirma Bergson, pra gerar riso é necessário o mínimo de conhecimentos prévios sobre determinado assunto. Além disso, o humor tem a capacidade de mascarar o preconceito existente em muitos discursos humorísticos, inclusive nas charges analisadas.

É importante ressaltar que apesar de termos conseguido através da pesquisa apresentamos discursos que circulam na internet através das charges e notarmos os posicionamentos ideológicos neles enraizados, a pesquisa não se esgota aqui é necessário um maior e contínuo estudo sobre o tema. Desse modo, esperamos que a presente pesquisa sirva de base para estudos posteriores, visto que os estudos e pesquisas acerca desse tema ainda são muito escassos.

Diante do exposto, concluímos que a hipótese aqui apresentada foi confirmada, pois, através das análises feitas, percebemos que ainda há a ocorrência de discursos machistas presente no gênero em questão. É importante ressaltar que outras visões podem ser apreendidas a partir da análise do corpus, pois o discurso chargístico, como forma de linguagem possibilita múltiplas interpretações.

REFERÊNCIAS

AMARILDO. **Charge: Dilma de barba.** Disponível em: [<http://amarildocharge.wordpress.com/>](http://amarildocharge.wordpress.com/) Acesso em: 07/08/2014

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal.** 4ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRAIT, Beth. **Ironia em perspectiva polifônica.** 2 ed. Campinas, sp: ed da UNICAMP, 2008.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso.** 2 ed. Campinas, SP: ed Unicamp, 2004.

BERGSON, Henri. **O riso – ensaio sobre a comicidade.** 1 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BESSINHA. **Charge: S/N.** Disponível em: <http://saraiva13.blogspot.com.br/>. Acesso em: 07/07/2014

_____. **Charge: S/N.** Disponível em: [<http://saraiva13.blogspot.com.br/>](http://saraiva13.blogspot.com.br/). Acesso em: 07/07/2014

_____. **Charge: S/N.** Disponível em: [<http://brasilmostratuacara.blogspot.com.br/>](http://brasilmostratuacara.blogspot.com.br/). Acesso em: 07/07/2014

CARVALHO, Jeany Santos de. **Construção da imagem da mulher através de charges.** Disponível em: revistapandorabrasil.com/revista_pandora/analise_58/jeany.pdf. Acesso em: 12/05/2014.

CICERO. **Charge: Pegado no tranco.** Disponível em: <http://barrocasbahia.blogspot.com.br/> > Acesso em: 07/07/2014

DENNY. **Charge: S/N.** Disponível em: http://www.irbianchi.com/2014_04_01_archive.htm. Acesso em : 07/07/2014

FERNANDES. **Charge: Palácio do Planalto.** Disponível em: <http://www.materiaincognita.com.br/>> Acesso em: 07/07/2014

FILHO, Francisco Alves. **Gêneros jornalísticos: notícias e cartas de leitor no ensino fundamental.** 1ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FONSECA, Márcio Alves da. **Michel Foucault e a constituição do sujeito**. São Paulo: EDUC, 2003.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 11 ed. São Paulo: Loyola, 2004.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2006.

_____. **Métodos e técnicas da pesquisa social**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2006.

GUIMARÃES, Elisa. **Texto, Discurso e ensino**. 1ed, 1reimp. São Paulo: Contexto, 2012.

LUCIANO, Jociane da Silva. **O gênero discursivo *charge* e as condições de produção**. Disponível em: <www.gelne.org.br/Site/arquivostrab/119-Artigo.pdf>. Acesso em: 12/05/2012.

MAINGUENEAU, Dominique. **Termos-chave da análise do discurso**. 2 ed. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

_____. **Análise de textos de comunicação**. Tradução de Cecília P. de Sousa-e-Silva. 2ed. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **Novas tendências em análise do discurso**. 3 ed. Campinas, SP: Pontes, 1997

Mari, Hugo, SILVEIRA, José Carlos Cavaleiro. **Sobre a importância dos gêneros discursivos**. Disponível em: <www.pucminas.br/.../PUA_ARQ_ARQUI20121010174706.pdf> Acesso em: 06/07/2014

MORAES, Érika. **Uma análise discursiva da representação do feminino em quadros humorísticos**. Disponível em: <www.bibliotecadigital.unicamp.br>. Acesso em: 06/07/2014.

MUSSALIM, Fernanda. **Análise do discurso**. In: BENTES, Ana Christina, MUSSALIM, Fernanda. **Introdução a linguística 2**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2004.

NANI. **Charge: Dilma faxineira**. Disponível em: <<http://alagoinhas-bahia-acaminhada.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 07/07/2014.

NANNI. **Charge: Candidata de programa**. Disponível em: <<http://altamiroborges.blogspot.com.br/>> Acesso em: 09/07/2014.

ORLANDI, Eni Puccineli. **Análise do discurso: princípio e procedimentos.** 11 ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013.

_____. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso.** 2 ed. Campinas, SP: Pontes, 1987.

PÊCHEUX, Michel. **Discurso: estrutura ou acontecimento.** 2 ed. Campinas: Pontes, 1997.

S.A. **Charge: Evolução Humana.** Disponível em:
<http://www.materiaincognita.com.br/> Acesso em: 07/07/2014

S/A. **Charge: Se eu fosse você 3.** Disponível em:
<http://humordainternet.blogspot.com.br/>. Acesso em: 07/07/2014

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **O poder do macho.** 12 impressão. São Paulo: Moderna, 1987.